



## CARTA

# Ciência e Polifonia Social: a quem S&TS deu voz em três edições

*Science and Social Poliphony: to whom H&SC gave voice in three editions*

### **Rodrigo Otávio Moretti-Pires**

Professor Adjunto II, Departamento de Saúde Pública – CCS/UFSC  
Editor para Científico para Saúde Coletiva/S&TS  
[rodrigomoretti@ccs.ufsc.br](mailto:rodrigomoretti@ccs.ufsc.br)

### **Clarissa Mendonça Corradi-Webster**

Professor Doutora, Departamento de Psicologia – FFCLRP/USP  
Editor para Científico para Psicologia/S&TS  
[clarissac@usp.br](mailto:clarissac@usp.br)

### **Edilaine Cristina da Silva Gherardi-Donato**

Professor Doutora, Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas – EERP/USP  
Editor para Científico para Enfermagem/S&TS  
[nane@erp.usp.br](mailto:nane@erp.usp.br)

Hoje temos a capacidade de transformar o mundo num inferno e estamos a caminho de fazê-lo.  
Mas também temos a capacidade de fazer exatamente o contrário.

**Herbert Marcuse**

Hannah Arendt conceitua que “(...) nada do que é, à medida que aparece, existe no singular; tudo que é, é próprio para ser percebido por alguém. (...) Talvez nada surpreenda mais neste nosso mundo, no entanto, do que a infinita diversidade de suas aparências (...)”<sup>i</sup>.

A ciência, como afirma Kuhn<sup>ii</sup>, utiliza matrizes disciplinares – paradigmas - que guiam seu funcionamento básico e valorativo do que é ou não importante. Isto se reflete em um grande número de periódicos científicos – veículo de visibilidade, de aparência em termos arendtianos – que publicam

ciência laboratorial e/ou quantitativa frente aos que publicam artigos oriundos de pesquisa qualitativa<sup>iii</sup>.

Concordando com Foucault<sup>iv</sup>, de que a ciência é atualmente uma das grandes produtoras de inteligibilidades e também com McNamee<sup>v</sup>, de que a ciência não reproduz a realidade, mas sim a constrói, há cerca de dois anos, um grupo de quatro pesquisadores sonhou com uma ciência em saúde que fosse caracterizada pelo engajamento social. No diálogo, começamos a analisar criticamente os

<sup>iii</sup> Camargo Jr KR. O rei está nú, mas segue impávido: os abusos da bibliometria na avaliação da ciência. *Sau Transf Soc* 2010, 1(1):3-8.

<sup>iv</sup> Foucault M. O nascimento da medicina social. In: Foucault, M. *Microfísica do Poder*. 20ª edição. São Paulo: Ed. Paz e Terra S/A, 2004. p. 1-14

<sup>v</sup> McNamee S. Research as Social Construction: Transformative Inquiry. *Sau Transf Soc* 2010, 1(1):9-19.

<sup>i</sup> Arendt H. *A vida do espírito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

<sup>ii</sup> Kuhn TS. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

veículos de divulgação científica brasileiros, principalmente por nossa própria experiência enquanto autores que utilizam pesquisa qualitativa em seus campos empíricos, com uma constatação premente: a pouca possibilidade de falar, em dar vazão aos diálogos, em função da dificuldade de se publicar artigos qualitativos em revistas de impacto ou classificadas em estratos bem pontuados no Qualis da CAPES.

Em um mundo de contradições do capitalismo desumano, acreditávamos que a ciência poderia constituir-se como um espaço para mudanças<sup>vi</sup>. Para a denúncia, para a reflexão, para o olhar com os olhos dos que vivem os processos, dos que vivem a expropriação e o calar do homem cotidiano que se torna engrenagem do sistema. Nos seus corpos e relações, as marcas dos processos e das angústias, manifestas em um emblema: Saúde.

Saúde que se torna doença. Saúde que se torna mercado. Saúde que se torna trabalho. E de saudável, muito pouco se tem.

Havia que se demarcar um espaço para Saúde e para a Transformação da Sociedade, e para fazer aparente a voz dos que se engajam, além de fazerem ciência.

A mensagem era clara: queríamos um periódico com roupagem e método científico, para que as vozes não fossem caóticas, mas que tivessem legitimidade ao falar do lugar da contra corrente da “sociedade afluyente”, conforme conceituaria Marcuse<sup>iv</sup>, e que permitisse o som das vozes dos oprimidos. Que o fizesse aparente para os pesquisadores, em termos Arendtianos.

Mas em quatro, pouco podíamos fazer. Um movimento gigantesco foi empreendido em termos de contatos e convites a outros pesquisadores de todas as áreas da Saúde, tanto em âmbito Nacional como Internacional, e o Projeto, inicialmente chamado de “Perspectivas em Saúde”, tornou-se o embrião da atual revista que alcança hoje sua quarta edição.

Em setembro de 2010, durante o Congresso Ibero Americano de Pesquisa Qualitativa em Saúde, em Fortaleza (CE), ao lado de revistas consagradas como Interface, Ciência e Saúde Coletiva, e Physis, veio a luz a primeira edição, ainda tímida, do periódico “Saúde & Transformação Social/Health & Social Change”.

Nesta edição inaugural falamos na seção “Cartas”<sup>iv</sup>, que desejávamos discutir “a transformação social partindo de vozes polifônicas dos diversos campos da

pesquisa em Saúde, rumo ao ser humano e à cidadania genuína, na contramão da idéia de que tudo está pronto e de que não há outras possibilidades a não ser seguir a banalização das contradições da Sociedade atual”.

Junto conosco, Luiz Augusto Facchini (ABRASCO/UFPel) ressaltou em seu Editorial a dificuldade para espaços de voz científica diferenciada no Brasil; Kenneth Camargo Jr (UERJ) questionava em seu artigo sobre os indicadores bibliométricos e sua utilização na Ciência atual; Sheila McNamee (University of New Hampshire) refletiu sobre o fazer pesquisa como um processo relacional e de construção social; Clarissa Altina Cunha de Araujo e Berta Paz Lourido (Universitat de les Illes Balear) levantaram as possibilidades para pesquisas em qualidade de vida a partir de um pensamento crítico, e Hélène Laperriere (University of Ottawa) apontou o caráter da inovação na pesquisa em Saúde a partir dos pressupostos Freireanos.

A revista também deu voz aos discursos utilizados a favor da descriminalização do consumo de maconha, ao posicionamento sobre as Organizações da Sociedade Civil e a unidimensionalidade na escolha dos governantes, assim como abriu a perspectiva para novos e antigos métodos qualitativos, em enfoques como Atenção Primária, formação universitária e docente, os desafios para a intersectorialidade, chegando a temas muitas vezes esquecidos na ciência normal tais como a diversidade sexual e suas expressões nos serviços de saúde, com um único propósito: dar expressão/publicização as diversas expressões da realidade social.

A construção do segundo número contou com o Editorial de Maria Cecília Minayo, abrindo o amplo debate que se estendeu nos demais artigos, sobre a mesma perspectiva transformadora. E novamente, o tom de engajamento social que acreditamos ser característica prima da pesquisa qualitativa se registrou, desde a Carta refletindo sobre o Projeto de Lei contra discriminação por orientação sexual, aos artigos teóricos sobre discriminação racial e relações de poder, perpassando o tom crítico exigido por nossa revista em todos os demais, especialmente na temática sobre as mulheres, em suas perspectivas sobre violência, o silenciamento do corpo pelo uso de medicamentos e as HIV positivas. A etnografia institucional foi apresentada como importante instrumento crítico para dar voz nas pesquisas, assim como a relevância da voz que permeou os discursos dos sem terra, dos trabalhadores aquaviários expropriados no trabalho amazônico, das equipes dos Centros de Atenção Psicossociais e das famílias de

<sup>vi</sup> Marcuse H. One-dimensional Man. London: Routledge, 1991.

pacientes. Mas também teve outras matizes nas experiências estudantis em Promoção de Saúde, experiências de humanização, nas nutrízes amazônicas e nos usuários e profissionais da Atenção Primária catarinense.

Na tríade de vozes polifônicas, a terceira edição iniciou com texto de Lília Blima Schraiber, sobre a Transformação Social por intermédio da Pesquisa em Saúde e com um documento que aponta para o engajamento em pesquisa: o manifesto do Fórum de Editores da Área de Ciências Sociais e Humanas em Saúde da ABRASCO, analisando os problemas vinculados aos indicadores bibliométricos e a sustentabilidade dos periódicos científicos no Brasil. Na seção teórica da revista, Maria Cecília Minayo trouxe a importância da avaliação qualitativa dos serviços de Saúde, enquanto a medicalização social veio no escrito de nossos colegas portugueses Helder Antonio Santos Nunes Raposo e Lílina Aranha Caetano, do Instituto Egaz Muniz. A efetividade dos direitos fundamentais sociais e o custo da saúde foi debatida, assim como a questão da terapêutica medicamentosa e a mudança de prognóstico de esquizofrenia. Outras vozes se tornaram presentes no debate construcionista sobre relações profissionais nas equipes de saúde, e também na análise epistemológica dos discursos na acupuntura, no olhar para o cuidado às pessoas em sofrimento emocional usuárias de Centros de Atenção Psicossocial e no cotidiano do cuidado a pessoas com depressão. A humanização nos cuidados materno infantis na perspectiva dos trabalhadores de saúde esteve presente com as lacunas para a atuação dos futuros odontólogos, dos estudantes de Medicina e de Enfermagem também vieram a reflexão, em conjunto com os dilemas da Educação Permanente aos Agentes Comunitários de Saúde. Outros três trabalhos refletiram sobre a vivência da maternidade em presídios femininos gaúchos, o impacto das ações das petroleiras na cultura de povos indígenas da Amazônia Equatoriana e o potencial dos projetos de extensão em empoderar Conselhos Locais de Saúde.

No processo vivo de ser e aparecer para o público científico, Saúde & Transformação Social veio à pauta com a proposta de dar voz. Dar voz não apenas aos pesquisadores que utilizam métodos qualitativos, mesmo com o impulso produtivista e pragmático de indicadores de valoração de sua produção científica, mas principalmente para abrir debates e espaços para que vivências aparentemente distantes do cotidiano da Ciência.

Mais de setenta trabalhos, brasileiros e internacionais, nos auxiliaram nesta empreitada. Tanto do prazer como do sofrimento emblematizado na saúde. Trabalhos com o sentimento de pertencimento do ser humano que pesquisa com o processo/ser humano investigado, denunciando uma clara constatação: o mundo – e o emblema ‘saúde’ – pode ser diferente. Pode ser mais. Pode ser humano e menos injusto. Pesquisa realizada por “pesquisadores conscientes de sua condição humana e social”<sup>iv</sup>, que com o ato científico se entendam como moduladores modulados pela Sociedade e capazes de reflexão transformadora da relação. Capazes de assumirem a contradição social em saúde é manifestação, e que a pesquisa pode trazer consciência para mudanças.

O próprio nome deste periódico aponta nesta direção: Saúde e transformação social. Fala de dinamismo ao invés do “tudo dado” e da resignação corrente da mídia e da busca por “determinantes” das manifestações em saúde.

Esperamos que esta carta comemorativa de um ano de existência seja a primeira de muitas outras. Mas principalmente que S&TS consiga seu entento: a procura por criar um espaço de conversa, de construção de novas inteligibilidades, de reflexão e posicionamentos engajados no processo de mudança, fugindo da naturalização das contradições sociais. E principalmente: que dê voz e aparência no cômputo da atividade científica a estes princípios.